

PRESENÇA DE BATISTA PEREIRA

Conferência de Raul de Andrada e Silva

Ao eminente homem de letras que, em vida, foi membro dos mais proeminentes deste sodalício, não podia o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo deixar de render a sua comovida homenagem, ao comemorar-se o centenário do seu nascimento. E a celebração que ora nos congrega está marcada por uma singular coincidência: vamos exaltar a memória de Antônio Baptista Pereira, precisamente no dia do nascimento do beato José de Anchieta, 19 de março do ano consagrado ao Apóstolo do Brasil, o ano de sua Beatificação.

A coincidência não podia ser mais grata, nem mais significativa, pois que à inspiração e ao saber histórico do nosso homenageado deve o excelso jesuíta uma das mais eloqüentes e vibrantes consagrações, dentre as muitas que ao admirável missionário dedicaram tantos historiadores. Baptista Pereira deu o título de "A Cidade de Anchieta" à sua notável monografia sobre as origens de São Paulo; e a justificação do título aparece no fim da obra, quando, ao realçar a magnitude da presença dos jesuítas na História do Brasil, conclui o seu erudito autor: "Toda essa coorte de beneméritos, que vem de Leonardo Nunes e Nóbrega até Belchior de Pontes, pode resumir-se num só: José de Anchieta, o verdadeiro fundador e o defensor de São Paulo". E dentre os padres e irmãos que pelo planalto de Piratininga missionaram, foi ele quem mais informou os Superiores da Companhia de Jesus sobre as coisas da terra e sobre o gentio que a habitava. Dos que vieram a São Paulo, desde a primeira missão evangelizadora, ele ficou até que a vila se enraizasse. E acumulou, a propósito dela, um acervo incomparável de conhecimentos, que fazem das suas cartas o repositório mais farto de dados e observações a respeito da primeira comunidade paulistana, onde ele foi, diz Baptista Pereira, "O primeiro professor, primeiro gramático, primeiro poeta, primeiro cronista, primeiro naturalista, primeiro botânico, primeiro comediógrafo, primeiro estrategista de Piratininga".

Pois esse desvelo, esse amor que Anchieta pôs na sua obra de construtor de São Paulo, reviveu em Baptista Pereira, quando este perscrutou o passado paulistano, em busca dos mais antigos testemunhos que o revelassem e documentassem. Acaba de ser inaugurada, no último aniversário da cidade, aos 25 de janeiro deste ano, a casa bandeirista do Tatuapé, restaurada pelo Departamento do Patrimônio Histórico do Município, e redescoberta pelo saudoso Luís Saia, o incansável guardião das antiguidades arquitetônicas de São Paulo. Digo redescoberta, porque antes Baptista Pereira a descobrira, nos seus afãs de decifrar os enigmas do passado ignoto. E se vivo estivesse, como não vibraria ele com esse acon-

tecimento, que veio atender, quase meio século mais tarde, ao seu veemente apelo para que, segundo suas próprias palavras, “Fosse conservada (essa casa) como o melhor espécime urbano da tosca arquitetura piratiningana”.

Em Baptista Pereira, o amor a São Paulo pulsava-lhe no sangue. “Devo a São Paulo o tûmulo do meu Pai e o berço da minha Mãe”, exclamou ele no “Diário da Capela”. Com efeito, esse gaúcho de Pelotas, tinha raízes sul-rio-grandenses pela ascendência paterna, e paulistas pela linhagem materna, que por sua vez, entroncava numa família de origem fluminense, a do seu avô, o Des. Antônio Cândido da Rocha, que veio a ser Presidente da Província. Não residiria nessa generosa mescla de sangues patrícios a gênese da visceral brasilidade de Baptista Pereira, que reviveu as grandezas da História de São Paulo, sem esquecer as tradições da Província nativa, nem as magnificências do “Brasil Maior” ?

Era seu Pai o magistrado José Baptista Rodrigues Pereira, que chegou a ensaiar a carreira política no partido conservador, elegendo-se Deputado à Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, ali revelando verdadeiros pendores oratórios. Em São Paulo, ainda estudante na Academia de Direito, conheceu D. Francisca de Paula Rocha, filha do já mencionado Des. Cândido da Rocha e de D. Fortunata Louzada de Azevedo. Com ela se casou e dela teve, no Rio Grande, os primeiros filhos: Antônio, que hoje recordamos e acompanharia seus pais, ainda criança, quando estes voltaram a São Paulo, e Edgard, falecido aos dez anos. Aqui nasceram os outros dois: Maria José, falecida com poucos meses, e Edgard, que recebeu o nome do irmão que haviam perdido. Ingressado na Magistratura e muito relacionado, fez o Dr. José Baptista Pereira da sua casa um centro de encontro de intelectuais, entre eles o grande historiador Afonso d’Escragnoille Taunay, que se tornou seu amigo dileto. Integrou-se na sociedade paulistana, na qual sua esposa tinha raízes e o introduziu nas famílias mais tradicionais. Mas, em plena maturidade, veio a sofrer um acidente vascular que o deixou paraplégico. Desdobrou-se então D. Francisca em desvelados cuidados ao esposo e aos dois filhos: Edgard, ainda criança, e Antônio, que já estudava Direito e ao mesmo tempo lecionava no Colégio São Bento.

Mas, a primeira infância passara-a Antônio Baptista Pereira nos seus pagos sul-rio-grandenses, vivendo a vida livre e respirando o ar puro das pradarias sulinas, na estância do Inhatium. Essa estância que os seus avoengos, os Rodrigues Pereira, oriundos dos Açores e chegados ao Rio Grande por 1747, tinham ido abrir nas terras longínquas de São Gabriel, junto à fronteira do Uruguai. Acompanhava os pais em excursões a sítios pitorescos, viajando de carreta, esse veículo providencial dos campos meridionais, cujas rodas enormes, muito altas, de até dois e meio a três metros de diâmetro, eram bastantes para que a viatura pudesse trafegar com segurança, pelos intérminos e acidentados caminhos, através dos pântanos e banhados sucessivos; e às vezes dormindo no campo, em

contato com a natureza aberta, sob o toldo do céu estrelado. Com seis ou sete anos, mudou-se com os pais para São Paulo, que achou triste e feia, sem o encanto das provincianas cidades do Sul, Pelotas, onde nascera, Bagé, onde morou menino.

A privilegiada e precoce inteligência, com que Baptista Pereira viera ao mundo, foi cultivada amorosamente, como planta rara, por seu pai, um humanista de sólida cultura, que infundiu no espírito do filho esse gosto da leitura e do saber, o qual não arrefeceu nunca, ao longo da vida.

Para o exercício do magistério, estava a inteligência de Baptista Pereira apetrechada com variadíssima cultura literária, que ia das bases clássicas, greco-latinas, ao largo convívio dos mestres do vernáculo e das modernas literaturas estrangeiras. Em Latim, era ele capaz de saudar o Abade Geral, Presidente da Congregação, quando este visitou a Ordem e o Colégio de S. Bento, em S. Paulo. Esse mesmo Colégio, onde, na pujança dos seus vinte anos, ele encantava os discípulos com suas aulas inesquecíveis; esse mesmo Colégio, cuja lembrança indelével o levou a dizer em sua formosa oração de paraninfo, ao ser padrinho dos bacharelados de 1908: "Nunca se me apagou da memória, através dos diferentes países a que me atraíam a arte ou o passado, a recordação desta casa, onde quis a Providência me fosse concedido assentar minha tenda de trabalho". Dessa vocação magisterial, ainda na mesma oração, reponta a reminiscência da prova a que se submetera, em competição com Coelho Neto, nome já feito nas letras nacionais, pela cátedra de Literatura, no famoso Ginásio "Culto à Ciência", de Campinas; reminiscência a que aludia Baptista, lembrando aos seus paraninfados que "o exemplo do amor e do gosto das letras, de que o meu curto passado já oferecia um testemunho, pois aos vinte e um anos me levava a esse concurso de literatura em Campinas, onde, diz-me a consciência, adquiri o direito, e é o único prêmio que me reclamo daquele certame, de que meus alunos de São Bento se não desdourassem do seu professor".

Mas, as atividades do magistério se desdobravam nas do jornalismo, em que se iniciara Baptista Pereira ainda adolescente, levado às colunas do "Comércio de São Paulo", pelo proprietário deste periódico, o grande Eduardo Prado, seu primeiro guia intelectual. Para aquilatar os pendores de escritor, as naturais inclinações literárias de Baptista, já então reveladas, releiam-se as amostras, contidas no primoroso volume comemorativo do seu nascimento, que hoje é lançado: o comovido retrato do Barão de Ramalho, testemunho personificado da legendária Academia de Direito, que ele viu nascer, na qual desde estudante se radicou, com a qual se identificou, na qualidade de lente e de diretor, confundindo-se com ela, desde a adolescência até a morte; testemunha também da vida de São Paulo, ao longo dos seus 93 anos de existência, por quase todo o século XIX, cuja acidentada crônica política, cujas mudanças econômicas e urbanas, cujos

grandes momentos de criação literária e artística ele acompanhou. Considere-se em seguida a lírica evocação do “São Paulo Antigo”, principalmente em torno dos seus velhos teatros — o São José, o Sant’Ana, o Provisório, o Apolo — mas também na relembração da cidade acadêmica, cidade equiparável, em termos de vida estudantil, aos centros universitários do mundo. Finalmente, o eco talvez maior dessa quadra inaugural da sua vida literária, que o próprio Baptista denominava “Juvenília”, o modelar estudo biobibliográfico de Eduardo Prado. Sobre este ilustre brasileiro e sua obra, nada se escreveu tão penetrante, tão lúcido, tão veraz, e, ao mesmo tempo, tão enternecido, tão comovente, tão reverencioso, como esse belo estudo. Por esse tempo, ressoava o eco da brilhante trajetória de Baptista Pereira na Academia, como estudante dos mais talentosos que por ali passaram.

Uma breve palavra há que ser dita sobre a sua marcante presença no Ministério Público paulista. Se os escritos da mocidade davam já a medida da sua estatura de prosador, que se ia alçando, os dotes oratórios, que mais tarde luziriam nas suas grandes conferências, denotam-se então na tribuna forense. Da sua atuação, como Promotor Público há, entre outros sucessos, dois momentos culminantes, assim rememorados por Américo Jacobina Lacombe: “Nas tradições paulistanas, ficou para sempre fixado o extraordinário e sensacional julgamento de Pedro Reis que, durante a acusação, exibiu um crucifixo e jurou pelas chagas de Cristo que estava inocente. Coube a Baptista Pereira desfazer a impressão tremenda, causada por esta cena dramática, o que conseguiu descrevendo o perjuro e a visão que o criminoso teria tido naquele momento, percebendo nas mãos do Crucificado as palavras fatídicas: não matarás. O efeito foi tremendo, e o réu, condenado, apesar de defendido por um dos maiores nomes dos auditórios paulistanos, Capote Valente que, ao sair derrotado do tribunal, teve, como reação espontânea, o enviar ao pai do adversário uma carta, testemunhando seu entusiasmo pelo jovem Promotor.

Também célebre foi o julgamento de Antão Fernandes, maestro da Força Pública, defendido por Brazílio Machado que, igualmente vencido, manifestou pelo “ex-adverso” amizade excepcional.

Não tardaria, porém, que a sedutora personalidade desse jovem talento fosse projetar-se além fronteiras. Por essa época, o Barão do Rio Branco, cuja presença na chefia do Ministério das Relações Exteriores assinalava o apogeu do Itamaraty, buscava colaboradores entre os intelectuais moços do país. Sem conhecer pessoalmente Baptista Pereira, sabendo, porém, com certeza do renome que grangeara em São Paulo, chamou-o ao Rio de Janeiro para integrá-lo no chamado grupo dos “meninos do Barão”. Foi ele em breve nomeado Secretário da Legação do Brasil, em Paris.

Estava apto o novel diplomata a um saliente desempenho não somente em suas funções específicas, mas também junto aos círculos

literários e artísticos da Cidade Luz. A sua trajetória parisiense teve, entretanto, antecedentes brasileiros. Nos anos da febricitante mocidade acadêmica, por ocasião de uma temporada teatral de Sarah Bernard em São Paulo, preparou ele para a célebre atriz uma surpresa: no camarim, atopetado de flores, do assoalho ao teto, recitou-lhe um discurso, entretecido de fragmentos de saudações, dirigidas à famosa diva por alguns dos maiores intelectuais do mundo. De outra feita, por aqui andava no começo do século Jacques Richepin, filho do poeta Jean Richepin, proferindo conferências. Em dado momento, viu-se em apuros, por não ter à mão obras de autores franceses, que precisava consultar. Pois Baptista Pereira foi capaz de repetir-lhe de cor os poemas, com os quais o literato ilustrava suas conferências. Essa memória miraculosa, que assombrava os circunstantes, era um dos traços característicos da sua inteligência de exceção.

Mais tarde ocorreria o conhecido caso de Jean Jacques Brousson, o ex-secretário de Anatole France e que, no seu maligno escrito "Itinéraire de Paris a Buenos Aires", denegriu o nosso país e recebeu exemplar contradita de um articulista vivaz e espirituoso, que se assinava "Jerôme Coignard e Jacques Tournebroche", duas conhecidas personagens do romancista francês. Os artigos causaram sensação pela sua verve e por serem vazados num francês impecável. O autor era Baptista Pereira, que se disfarçara com aqueles pseudônimos e para quem a língua francesa não tinha segredos.

Foi, aquele amigo, Jacques Richepin, que introduziu o moço brasileiro nos círculos sociais e literários, quando ele primeiro pisou o solo parisiense. Apressou-se Baptista a procurar Edmond Rostand, então no pináculo da celebridade, representado em todos os palcos do mundo ocidental. Vivia o poeta em Cambo, no Sul da França, onde foi procurado por Baptista Pereira, e relutou em recebê-lo. Insistiu, contudo, o inesperado visitante, mandando dizer que sabia de cor toda a obra do autor de Cyrano de Bergérac. Rostand acabou por ceder, maravilhando-se a ouvir o seu admirador brasileiro recitar, sem erro de uma sílaba, trechos inteiros de suas peças. Foi o início de uma amizade, que se prolongou através de assídua correspondência.

Os atrativos que, para as criaturas sensíveis, povoam a Europa, motivaram outras viagens de Baptista Pereira. Gozando férias na Itália, 1907, foi ele surpreendido por um telegrama de Rio Branco, que o designava Secretário da Missão Brasileira à II Conferência da Paz, em Haia, chefiada por Rui Barbosa, como Embaixador Extraordinário. Sabe-se que colaborador eficaz, atento e dedicado soube ele ser para o nosso notável enviado diplomático. Sobreleva, contudo, o seu hábil trabalho em promover a aproximação entre Rui e William Stead, que acompanhava a Conferência, na qualidade de observador. Não era o nosso Embaixador simpático ao famoso jornalista britânico. Baptista, seu amigo, soube

fazê-lo compreender a grandeza do extraordinário jurista brasileiro, de quem Stead se tornou incondicional admirador.

Datam desses dias memoráveis os laços afetivos e morais que prenderam Rui Barbosa e Baptista Pereira. Nessa oportunidade, começou também o romance sentimental entre Maria Adélia, filha e secretária de Rui, e Baptista Pereira, cujo culto comum à Águia de Haia foi uma das muitas afinidades entre essas duas almas eleitas.

Unidos pelo matrimônio, entendeu ele que os encargos de família não se compatibilizavam de todo com a carreira diplomática, que decidiu abandonar. E de volta ao Brasil, reingressou no Ministério Público, nomeado Curador de Órfãos, no Rio de Janeiro. Os acasos da política o privaram do cargo, em fins de 1910. Demitiu-o o Marechal Hermes da Fonseca, eleito Presidente da República, após a rumorosa campanha civilista, uma das mais altas afirmações de grandeza doutrinária, na história republicana, pelo verbo inflamado de Rui Barbosa. Tais as mesquinhas a que podem arrastar os embates políticos !

Nessa dura emergência, assomou o vulto de Rui, em toda a sua inteireza moral. Nada mais tocante que a sua manifestação de solidariedade ao genro, tão injustamente atingido. Da fazenda Rio das Pedras, propriedade dos Barbosas de Oliveira, em Campinas, onde se achava, apressou-se a remeter a Baptista Pereira a carta de que destacamos a página inicial, que diz assim:

“22 de dezembro de 1910.

Meu caro Baptista Pereira:

Hoje, ao percorrer, às 10 horas da manhã. “O Estado de São Paulo”, uma das primeiras coisas, que me deram nos olhos, foi a notícia da sua demissão no despacho coletivo de ontem. Imediatamente, pelo telefone, lhe mandei expedir, de Campinas, o telegrama de que aqui ponho cópia, receoso de que o telégrafo lh'o sonegue.

Deus é grande. Ele nos basta. Comeremos do mesmo pão. Seu mérito honrava cargo. Não precisa dele. Conforte cara doentinha (referia-se à sua filha Maria Adélia, esposa de Baptista), cruelmente ferida. Reagir pela saúde a todo transe. O mal é véspera do bem. Bênçãos carinhosas. Fé, coragem, esperança. Rui”.

Como se vê, ainda quando despojado da sua natural opulência vocabular, Rui sabia escrever com grandeza, e nessas linhas singelas, quão expressivas, transparece o fundo essencialmente simpático e afetivo daquela alma de escol.

Vivia então Baptista Pereira sob a vigorosa influência do seu sogro, a quem se prendia por laços verdadeiramente filiais. Poderia alguém

acercar-se daquele homem fora do comum, no tempo a maior figura intelectual do país, sem experimentar os reflexos do seu privilegiado espírito? Baptista Pereira nunca escondeu, pelo contrário, orgulhou-se de reconhecer tais influxos. Daí, porém, a pretender-se reduzir suas dimensões às de mero imitador, vai grande distância. A verdade é que ambos, Rui e Baptista, foram grandes por seus próprios méritos, e a grandeza do primeiro não empalidece a do segundo. Ao contrário, é admirável como este, mesmo ao lado da incomparável personalidade do sogro, pôde conservar intacto o seu perfil e estilo de intelectual.

Todavia, a imagem inspiradora de Rui, a sua imperecível lembrança, o seu culto, viveriam sempre no coração e na memória daquele que foi literalmente o seu filho espiritual.

Após a morte do invencível campeão do Direito e da Justiça, das liberdades públicas e das grandes campanhas cívicas, Baptista Pereira empunhou o seu bastão, para levar a cabo a vibrante campanha política e doutrinária contra o continuísmo no governo sul-rio-grandense e contra a Constituição vigente, sob o poder pessoal do velho Borges de Medeiros. “Pela Redenção do Rio Grande” é o título sonoro da série de conferências por ele proferidas e nas quais, com altaneira eloquência e ilimitada bravura, o seu autor sustenta a pureza dos ideais republicanos e federalistas. Derrotada a Revolução Libertadora de 1923, em que se empenhara ao lado de Assis Brasil, depois de passar por São Paulo, retornou ao Rio de Janeiro, para dedicar-se à família e às letras, encetando-se então uma das fases mais fecundas da sua produção intelectual.

Não cabe alongar-me sobre a riqueza de conteúdo e estilo dos seus escritos, o que seria supérfluo, depois da bela conferência do meu querido amigo Odilon Nogueira de Matos, em torno de “Baptista Pereira e sua Obra”. Quero apenas ressaltar, de passagem, que são da mesma época as conferências em que ele começou a reconstituir o imenso vulto de Rui Barbosa: “Rui Estudante”, “Rui Artista”, Rui Barbosa e o Rio Grande do Sul”, “Rui Barbosa e o Supremo Tribunal”. Estes e outros estudos seriam os fundamentos da obra definitiva, uma espécie de glorificação monumental desse homem-símbolo do Brasil. Do grande quadro publicaram-se dois preciosos componentes: “Figuras do Império e Outros Ensaios” e “Vultos e Episódios do Brasil”, que bastam para ajuizar de que dimensões seria a obra, em sua integridade.

Desdobrava-se, pois, pelo campo da História a produção literária, que vai marcando a presença cada vez mais assinalada e a projeção cada vez mais luminosa de Baptista Pereira, nos círculos intelectuais do país. Empenhando-se, como combatente denodado, no movimento de reação nacional à campanha difamatória, que se desfechava contra o Brasil, a propósito da guerra do Paraguai, as páginas que então escreveu, sem quebra da seriedade das pesquisas históricas que a fundamentam, ani-

mam-se por vezes da ardorosa vibração de um legítimo panfletário. São livros que marcaram época, pela extraordinária repercussão que alcançaram: “Civilização contra Barbárie”, “O Brasil e a Raça”, “Formação Espiritual do Brasil”, aparecidos sob a forma de conferências e posteriormente englobados num só volume, intitulado “Pelo Brasil Maior”. Idéias, sentimentos, reminiscências históricas, cuja condensação está no belo discurso, em que Baptista Pereira agradeceu aos amigos que, em 1928, o homenagearam em São Paulo, por sua esplêndida participação nessa cruzada cívica.

O homenageado que hoje recordamos cada vez mais se fazia uma figura nacional. A ele recorreu o Presidente Washington Luiz, para que fosse o cicerone do célebre escritor inglês Rudyard Kipling, quando este visitou o Brasil. Que melhor companheiro para iniciar o ilustre viajante no conhecimento das maravilhas naturais, da riqueza dos costumes e tradições, da carga evocativa do passado do Rio de Janeiro !! Desse encontro nasceu a estima e a recíproca admiração, que uniu os dois grandes espíritos e se atesta na correspondência que entretiveram. Da recordação desses momentos brilhantes e inolvidáveis, restou o testemunho do próprio Baptista Pereira, num dos mais radiosos capítulos de “Figuras do Império e Outros Ensaios”.

Outra celebridade, cujo nome repercutia largamente no Brasil e que se aproximou dele foi o Conde Hermann de Keyserling, pensador, ensaísta e escritor de grande nomeada mundial, fundador da escola da Sabedoria, em Darmstadt. Ligaram-se os dois intelectuais por sólida amizade, que se prolongou, através de regular correspondência.

Por aquela época, vivia Baptista Pereira na sua mansão da Gávea, na Rua Marquês de São Vicente, mansão que reproduzia as linhas mestras do casarão da ancestral estância do Inhatium. Ternas lembranças da província nativa, de cujas raízes sobrevivia também o uso do chimarrão, este miraculoso estimulante que ele sorvia ininterruptamente, quando engolfado no trabalho intelectual. Ele mesmo, por sinal, e por ocasião da campanha pela restauração federalista no Rio Grande, atestou a sua fidelidade às origens, proclamando: “Todo o meu fundo ancestral veio à tona, nessa erupção de patriotismo e revolta. É o sangue rio-grandense que flameja atavicamente, nesse longo brado de desespero e protesto. É o sangue gaúcho que arde, ante o aviltamento da terra dos seus maiores”. Nessa casa, recebia ele, especialmente aos domingos, os mais cultos espíritos, amigos brasileiros e estrangeiros que acorriam às brilhantes tertúlias, cuja ruidosa vivacidade vibrava entre as estantes da opulenta biblioteca, na qual os exemplares de curso comum emparelhavam com as raridades bibliográficas, as edições “príncipes”, os volumes ricamente ilustrados, um tesouro inavaliável, que o tempo e os contrastes da vida infelizmente vieram a desagregar.

Em meio a essa existência tão rica de sentido e de realizações, veio colhê-lo o tumulto da Revolução de 1930. Por sua amizade com o Presidente Washington Luiz e outros próceres da República Velha, amizade isenta de imediatismos e de interesses mesquinhos, incorreu Baptista Pereira nas desconfianças da facção triunfante. Ameaçado em sua liberdade, teve de homiziar-se na Embaixada de Portugal. Destituído do cartório de que era titular, saqueada a sua residência, viu-se na necessidade de aumentar os magros proventos da sua aposentadoria, mediante o trabalho intelectual, como tradutor e fundador da Revista Brasileira, em sua quarta fase. Surgiu a Revista como “síntese do momento contemporâneo”, devendo abordar os temas da atualidade política, econômica, artística, e estampar livros completos, mas de dimensões limitadas. Assim foi que, em suas páginas reimprimiu-se “O Brasil e o Anti-semitismo”, da lavra do próprio Baptista Pereira, composto no instante em que ele se preocupava com os grandes temas e problemas de ordem internacional. Libelo e análise, ao mesmo tempo, contra o “Mein Kampf”, a doutrina e o regime de Hitler, esse vigoroso livro de intensa repercussão nacional, ecoou ainda além fronteiras. Era como uma antevisão da catástrofe mundial, desencadeada em 1939, e chegava a propor o boicote da Alemanha, em nome dos direitos humanos e da autodeterminação dos povos, espezinhados pelo III REICH. Idéias em que comungavam muitos dos estadistas europeus coevos. Também no plano dos mais momentosos assuntos internacionais, escreveu ele “A Ilusão Russa”, em que examina e contesta a Revolução Bolchevista de 1917.

De 1936, é a já mencionada e substanciosa monografia sobre as origens de São Paulo, “A Cidade de Anchieta”. Trata-se de uma obra essencial, na bibliografia histórica paulistana. Sem entrar a fundo no mérito desse estudo, tão rico de sugestões e conteúdo, basta ressaltar, como valiosa contribuição original, a cuidadosa reconstituição dos primitivos caminhos, que ligavam São Paulo de Piratininga à baixada vicentina, através da encosta abrupta da Serra do Mar; bem assim, a comovente evocação dos jesuítas, que deram a São Paulo de Piratininga a sua estruturação moral, a disciplina social, de que resultou a consolidação do núcleo originário, por eles mesmos estabelecido e, logo a seguir, posto também sob a égide do poder civil organizado.

Antes, porém, sobreviera a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo. Sabido é o partido que tomou Baptista Pereira por esse patriótico movimento. Dessa corajosa decisão, nasceu o “Diário da Capela”, memorial dos dias em que ele esteve encarcerado, com outros companheiros, no presídio da Rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro. Freme nessas páginas uma veemente profissão de fé constitucionalista e democrática e, ao mesmo tempo, um hino de amor a São Paulo. Era mais uma afirmação da invariável fidelidade desse lidador às lutas pela Justiça e a Liber-

dade. Era também mais uma demonstração dessa misteriosa afinidade com a terra paulista, que ele não prezaria mais do que prezou, se aqui tivesse nascido, e à qual tanto se consagrou, pesquisando-lhe a história, cultuando-lhe as tradições, proclamando-lhe as glórias, exaltando-lhe a vocação liberal e a grandeza política, e servindo-a, na hora do sacrifício e da rebeldia heróica, pela adesão moral desassomburada, pela força da sua palavra máscula, já que o não podia fazer de arma na mão.

Nessa quadra da sua vida não se abateram sobre o cidadão idealista apenas as contrariedades políticas. Passou ele pelo doloroso transe de perder a filha primogênita. Dificuldades financeiras o obrigaram a desfazer-se da casa da Gávea, para ir morar no modesto apartamento de Copacabana. Outra perda sofrera, para ele ainda mais penosa, quando teve de desfalcar de muitas preciosidades a sua esplêndida biblioteca, sob a pressão das mesmas aperturas materiais.

Na fase derradeira da vida, entregou-se, com a paixão que nunca deixou de pôr em seu trabalho intelectual, às pesquisas lingüísticas sobre a língua tupi, buscando-lhe as raízes em antigos idiomas, como o egípcio.

Com a perda da esposa amantíssima, em 1953, nem o amparo dos filhos, nem a afetuosa solidariedade dos amigos, puderam impedir que ele se tornasse um tanto arredio, raramente retornando a São Paulo, onde então residiam seus descendentes e outrora gostava de rever velhos companheiros. Entre as notas manuscritas de um seu caderno de memórias, as mais comoventes explosões de desalento entremeiam-se com serenas confissões de saudade. Vede a singela beleza destas palavras, que lhe inspirou a imagem da esposa, em seu leito de morte: "Dedélia dorme como uma Santa. O toque divino da morte em santidade transfigurou-a. Seu rosto resplandece em harmonia celestial. Certas irregularidades de um rosto que nunca teve os índices da formosura comum desaparecem. Os dedos invisíveis da morte plasmaram-lhe a verdadeira fisionomia, com que vai entrar no sôlio da ressurreição".

Mas, teve ainda um lampejo esse espírito vibrátil, na Casa de Rui Barbosa, ao proferir ali, em 1958, brilhante peça oratória sobre a Conferência de Haia. Essa página, com a evocação de Eduardo Prado e Júlio Mesquita, no mesmo ano, constituem o canto de cisne do admirável escritor.

Declinando-lhe a rija saúde, internou-se no Hospital São Paulo e ali veio a fechar os olhos, em 20 de agosto de 1960. Nos seus últimos dias, esteve sempre cercado dos parentes e amigos fiéis. Rodeado, também, de livros, esses indefectíveis companheiros, que sempre foram uma das mais fortes motivações da sua vida. Extinguiu-se serenamente, no reconforto da fé inabalável em Deus e na Igreja Católica, em que nunca deixou de amparar-se. Aos monges de São Bento, seus diletos amigos do Colégio

onde lecionara na juventude, respondia em Latim às orações dos agonizantes, esperando a morte em perfeita conformidade.

Foi na quadra final da sua vida que tive o privilégio de conhecê-lo. Tudo o que dele, hoje dizem os seus amigos, não basta para traduzir o que era a presença de Baptista Pereira. Só quem privou do seu convívio pode avaliar em toda a extensão aquela personalidade tão invulgarmente rica e vária. Temperamento entusiasmado, curiosidade aberta a todas as manifestações da vida, sua observação sempre alerta viajava das altas criações da arte e da literatura, até os fatos do dia-a-dia, como o esporte. Interessou-se na adolescência pelo frontão, que praticou destramente e do qual disse, em 1897, que era o futebol daqueles dias, estando ele entre os primeiros cronistas dessa modalidade esportiva. Era ele uma dessas presenças que vibratilizam o meio em que se encontram, que contagiam os interlocutores, no encanto da sua conversação fascinante, pela originalidade das idéias e o inesperado da invenção verbal. E uma sensibilidade delicada, que o levava a extremos de dedicação aos amigos, pelos quais não media sacrifícios, nem perigos.

Esse brilho intelectual, essa altitude de espírito, essa grandeza de coração, explicam o seu estilo de escritor, revestido daquele vigor de expressão, opulência vocabular, fluência da frase, esplendor das imagens, que tanto o distinguem.

Um dos que o conheceram de perto e melhor lhe conhecem a obra, Américo Jacobina Lacombe, dá o seu valioso testemunho de como Baptista Pereira escrevia. Dotado de extrema facilidade de composição, era ele capaz de redigir um artigo rapidamente ou uma conferência em poucas horas. Por outro lado, era um escravo da tortura do estilo, o que o levava a retocar infinitamente as páginas, às quais desejava imprimir o selo da durabilidade e da perfeição artística.

Assim foi o homem e o primoroso escritor. Escusem-me os que me dão a honra de ouvir, se me excedi em demasia. É que a vida e a obra de Baptista Pereira são muito grandes. Hoje, um século volvido, desde o seu nascimento, está bem viva a presença dele. Homem dos mais representativos do seu tempo, não passou com o seu tempo. A obra que deixou escrita é o próprio monumento que o perpetua. A marca que deixou impressa na memória dos que o conheceram é o outro penhor magnífico, da sua sobrevivência. Era ele, em suma, uma dessas criaturas que enobrecem, eu diria até que justificam o ato de viver. Salve Baptista Pereira !